

Túnica branca, Zara; saia
plissada, Stockroom Studio;
fios, Maria Beirão



CARLA LUÍS
"É PRECISO
DEFENDER A DEMOCRACIA
ATIVAMENTE"



Investigadora, professora e a única mulher membro da Comissão Nacional de Eleições, Carla Luís fala-nos das suas paixões por viagens e literatura, de como devemos lutar pelos valores da liberdade e ter cuidado com os discursos vazios dos populistas.

Texto GISELA HENRIQUES Fotos JOÃO LIMA STYLING RITA VILHENA

S

Sol a brilhar, brisa suave e a verdejante serra de Sintra como pano de fundo. Foi neste cenário idílico e inspirador que decorreu a entrevista a Carla Luís, investigadora, professora na Universidade da Terceira Idade e a única mulher membro da CNE desde 2010. Sim, leu bem, em Sintra entrevistámo-la, já as fotos foram tiradas em Lisboa, num hotel com vista privilegiada sobre a capital e na escadaria da Assembleia da República, um dos maiores símbolos da nossa democracia, algo que Carla muito preza, como vai ler mais à frente.

Voltemos a Sintra... O nosso encontro ficou combinado para as 14h15, mas chegámos uns minutos antes para uma conversa que ultrapassou três horas sem darmos conta. Começámos em Travassô e Óis da Ribeira, em Portugal, e ‘voámos’ até Inglaterra, Itália, Kosovo, Timor, Austrália, Nova Zelândia, Vanuatu... Só ‘aterámos’ em Sintra já passava das 5h da tarde.

Sabia pouco sobre Carla, apenas o que estava no seu currículo na página do CES (Centro de Estudos Sociais) e no LinkedIn, mas só o facto de ter conhecimento de que há 9 anos é a única mulher na CNE só podia estar perante alguém especial e com uma história pessoal com muito para contar. O que se veio a confirmar. Algo que pude constatar logo de início é que estava perante uma mulher superorganizada e metódica, mas sendo investigadora não era de estranhar: em cima de uma bonita pasta, feita de um material que parecia cortiça, vi que trazia uma folha com umas frases escritas à mão. Rindo, explicou que era uma mnemónica sobre algumas das coisas importantes da sua vida.

VAMOS A VOTOS!

Quem tem mais de 40 anos recorda-se, com certeza, de ver na televisão as notícias dos boicotes em dia de eleição. Era fatal como o destino. Lembro-me de ficar espantada com os nomes das terriolas contestatárias de que nunca tinha ouvido falar. Atualmente já não há tantos boicotes, mas, segundo Carla Luís, trabalho não falta para a CNE, até porque há sempre ‘pequenas’ eleições de norte a sul do país. Só este ano, até final de março, já houve quatro, “uma delas muito disputada para a assembleia de freguesia em Travassô e Óis da Ribeira”, e ainda aí vêm as três grandes: as Europeias a 26 de maio, as Regionais a 29 de setembro e as Legislativas a 6 de outubro, o que vai implicar uma agenda cheia de sessões de esclarecimento, avaliações e intervenções caso haja relatos de infração ou queixas.

Perante este cenário, uma pergunta impõe-se: por que razão dos 10 membros da CNE só um é mulher? “É a velha questão da participação feminina, mas tem de ser perguntado a quem indica membros para a CNE, ao Conselho Superior de Magistratura, aos governos e aos diferentes grupos parlamentares. Até 2014, a média de mulheres na CNE era de 14%, um número desolador. Por isso é tão importante que a lei das cotas seja respeitada, sempre possibilita que as mulheres ascendam a cargos de maior responsabilidade. Sem querer generalizar, em certos circuitos tudo está moldado à medida de homens brancos de meia-idade, isso é o padrão. As mulheres são tão boas como qualquer profissional, mas se formos a ver os cargos superiores é muito difícil haver presença feminina. Alguém disse e muito bem que ‘só vamos ter igualdade quando tivermos mulheres incompetentes nos níveis superiores de decisão’, porque agora a sensação que se tem é que as mulheres só chegam a algum cargo quando são quase incontornáveis, porque até aí, em condições de igualdade, a preferência é dada a um homem.” Até há alguns anos Carla não se via tão acérrima das questões de igualdade, mas nos últimos tempos, sendo a única mulher na CNE, este é um assunto pelo qual se debate.

LEITURAS ITINERANTES

Carla nasceu numa pequena aldeia da zona de Sintra em 1979 e cresceu a brincar na rua, a gozar de uma liberdade só permitida a crianças que vivem longe dos grandes centros urbanos. “Tive daquelas infâncias em que se vivia até às 10h da noite na rua, principalmente nos primeiros anos, em que fui criada com a minha avó porque os meus pais trabalhavam.” Mas se por um lado teve a sorte por estar longe ➤



Top de alças e casaco de pele, ambos Massimo Dutti; calças em malha, Zara; cinto em pele com dupla fivela, Stockroom Studio; colar, Pedra Dura

de ruas cheias de carros, a pequena e curiosa Carla não tinha por perto algo que adorava: livros, tanto que aprendeu as letras antes de ir para a escola. Mas algo veio parar à sua aldeia que mudou a sua infância e a sua vida: as carrinhas das bibliotecas itinerantes da Gulbenkian, que vinham carregadas de livros e deslocavam-se até às localidades mais distantes, onde não havia acesso à educação e cultura. “Uma vez por mês lá vinha a carrinha com os livros por que tanto ansiava. Para nós, miúdos, a sua vinda era um acontecimento.” Carla lia avidamente e fazia birras porque queria ler mais e mais, tanto que cada criança tinha direito a 5 livros mensais e Carla aproveitava o facto de a mãe também ter um cartão da biblioteca para ler também os seus livros. “Li muita coisa que não interessava, mas também coisas muito boas, como ‘Os Passos em Volta’, do Herberto Helder. Lembro-me de acabar o livro a pensar ‘uau isto é muito bom’ (risos). Estas bibliotecas fizeram a diferença a muita gente, e eu sou uma delas.” O gosto pela literatura acompanhou-a ao longo dos anos escolares, mas na hora de escolher uma licenciatura, com muitas hesitações e fruto de várias circunstâncias, lá escolheu Direito, um curso novo que tinha aberto na Universidade Nova, “tinha um currículo mais aberto, com disciplinas mais variadas, o ambiente era outro. Acho que só tive sucesso porque tirei o curso naquela faculdade, se tivesse de ter aulas de direito romano a coisa não ia resultar...” (risos)

A EUROPA NA PALMA DA MÃO

Quando acabou o curso, pensou em tirar um doutoramento, mas o seu lado prático entrou em ação e “pensei que se era para fazer sacrifícios, o melhor era fazer logo o estágio e fui para um grande escritório”. O impacto com o mundo real da advocacia é que não a impressionou. “Aprendi muito, mas não me via naquela vida. Olhava para os meus colegas mais velhos, sem vida pessoal, sem conseguirem ver a família, os filhos, aquilo para mim não fazia sentido.” Dois anos depois fica com a cédula de advogada e... ‘missão cumprida, a aventura acaba aqui’. Carla estava a preparar-se para outros voos, queria aprender mais, ver o mundo... E assim concor-

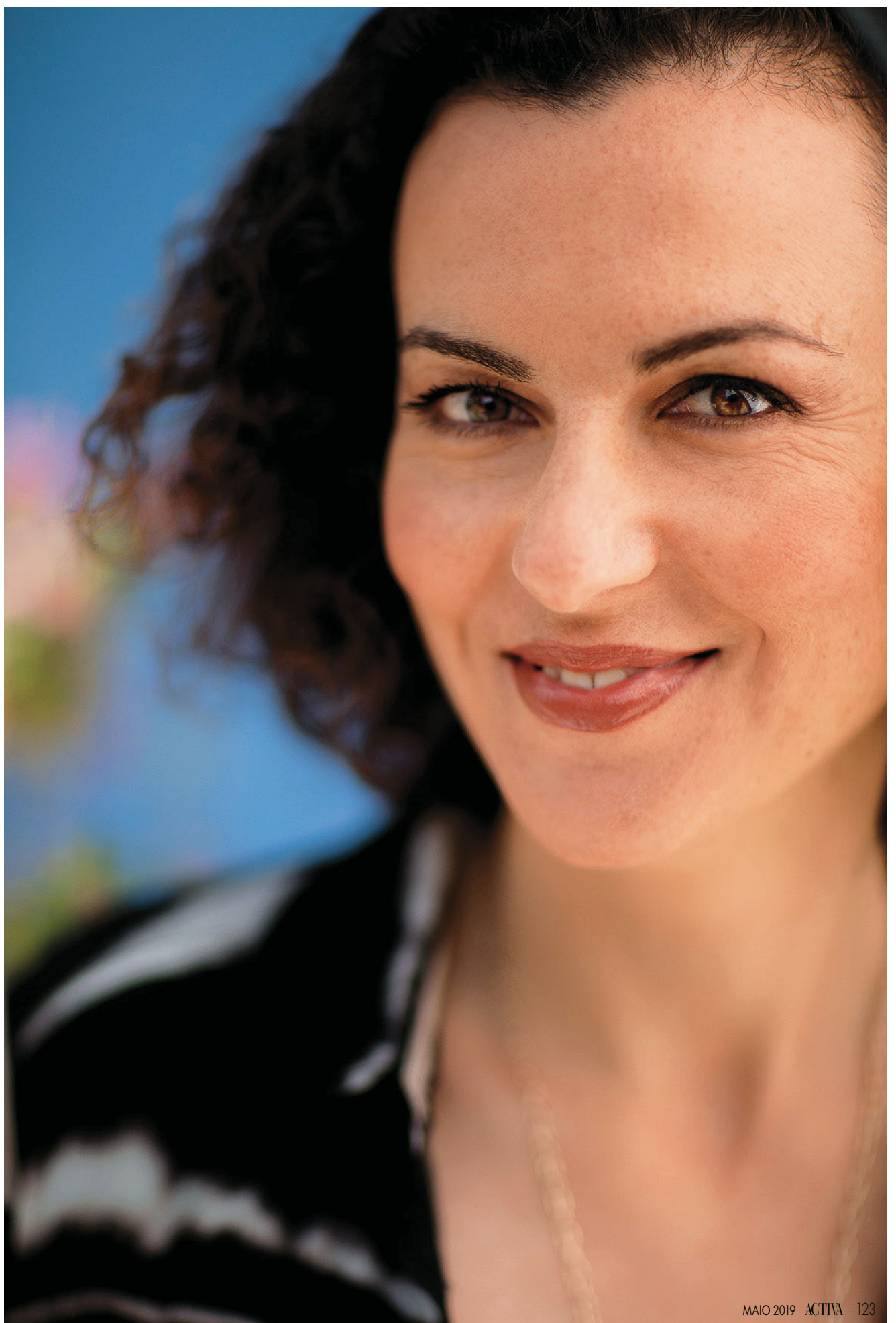
reu a um mestrado em Direitos Humanos e Democratização, em Veneza. Os seus olhos brilham quando fala do tempo que passou na cidade italiana. Seis meses muito intensos, uma revolução na sua vida: foi a primeira vez que viveu fora de Portugal, e logo numa cidade histórica e lindíssima como Veneza, numa turma com 86 alunos de muitas nacionalidades, com os quais construiu uma amizade que perdura até hoje. Depois deste semestre na cidade transalpina, o mestrado pressupunha uma estada de 10 dias no Kosovo, e depois mais seis meses em Graz, na Áustria. “No Kosovo, o meu mundo rodou todo outra vez, fiquei em casa de uma família albanesa e pude ver as difíceis condições de vida daquelas pessoas. O inverno era muito duro, passei muito frio, nem sequer tinha roupa para enfrentar 20 graus negativos, tive de improvisar com várias camadas de roupa.” Em Graz, os verdejantes montes serviram de inspiração para escrever a sua tese de mestrado, mas, apesar da simpatia dos habitantes da pequena localidade, estava sozinha e fez-lhe falta o calor e animação italiana.

Estando no centro da Europa, e tendo aprendido muito sobre a ex-Jugoslávia, Carla decidiu fazer um périplo por aquela zona da Europa. Foi a Ljubljana, Zagreb, Belgrado, Novi Sad, visitou a Bósnia, Croácia, Montenegro... “São povos afáveis, mas muito marcados pela guerra. Eu estive lá em 2006, cerca de 10 anos depois da guerra, e lembro-me de atravessar a Bósnia de autocarro e ver de um lado da estrada os cemitérios cristãos e do outro lado os dos muçulmanos. Outro momento que me marcou foi estar no topo de Sarajevo e relembrar como aquela cidade foi cercada e bombardeada durante onze meses. Foi muito emotivo, aquelas pessoas passaram por muito...”

DO PARLAMENTO A TIMOR

De regresso a Portugal, surgiu a oportunidade de trabalhar para o Parlamento como assessora jurídica. “Entrei numa altura superinteressante, antes do referendo para a despenalização da interrupção voluntária da gravidez. Foi uma espécie de despertar para o ativismo, apesar de em casa os meus pais sempre terem tido uma consciência política ativa. Conheci pessoas muito interessantes, que fazem a diferença, como o João Semedo, que me marcou muito pela sua capacidade de trabalho e entrega.” Em 2011 saiu do Parlamento, para concluir o seu doutoramento em Política Internacional e Resolução de Conflitos. Como a tese é sobre o impacto dos sistemas eleitorais na consolidação da paz, em 2012 parte para Timor-Leste como assessora jurídica eleitoral com o PNUD (Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas). “Foi um grande desafio, tive de reaprender a viver com muito pouco, e estava na capital, não me faltava nada de extraordinário, era aceitar os recursos que havia. Lembro-me de um episódio caricato: como estava a acabar a tese, escrevia muito ao final do dia e precisava de um candeeiro de secretária. Corri todas as lojas e nada, apontavam para o teto e quando lhes dizia que já tinha um de teto, não percebiam porque ➤

“Dou aulas na Universidade da Terceira Idade em regime de voluntariado, e adoro. Falamos de tudo, desde direitos do consumidor ao sistema eleitoral americano.”





A

MULHER DE CARRERA

Top de alças, vestido-kaftan e colar, tudo Massimo Dutti; calças de smoking e stiletos, ambos Zara; anéis e brincos, Carolina Curado

precisava eu de outra lâmpada. Lá arranjei um, exemplar único na loja e na cidade, e fiquei contentíssima. Mais chato era quando nos deslocávamos para o interior. Aí convinha levar comida connosco, porque senão tínhamos de nos sujeitar ao que havia no mercado local, que não era muito. Foi uma grande lição viver com tão pouco, mas havia uma grande alegria no povo e uma atenção a certas coisas que nós, no ocidente, não ligamos: o tempo que dedicamos aos outros, ao cumprimento.” Mas nem tudo foram rosas, não podia sair à noite, por ser perigoso, e quando havia inundações deixava de haver eletricidade e sem esta não havia água, “tínhamos de tomar banho com a água que havia num depósito lá em casa, com a ajuda de um púcaro”.

UM PULO ATÉ AOS ANTÍPODAS

Em 2015 vai para a Austrália, trabalhar com a sumidade em eleições Pippa Norris. “Quando soube que tinha sido aceite para trabalhar com ela, foi como se tivesse ganho o jackpot. E foi uma das experiências mais enriquecedoras poder trabalhar àquele altíssimo nível e de uma maneira tão diferente do que se trabalha em Portugal. Lá, as pessoas são muito exigentes mas acessíveis e informais. Lembro-de de uma vez, depois de uma conferência, ver a Pippa Norris pegar na sua chávena de café e ir lavá-la na cozinha, algo que jamais aconteceria em Portugal com uma pessoa ao nível dela.” Ali,

‘down under’, aproveita para... viajar, claro! Percorre o país e consegue ir à Nova Zelândia, de onde vem fascinada com as colónias de focas de Kaikoura. Depois parte para as ilhas do Pacífico Sul e perde-se de amores pelas ilhas de Vanuatu.

O PERIGO DO POPULISMO

Apesar das viagens serem uma grande paixão, Carla tem outra: a democracia. Não é perfeita, mas, como disse Churchill, “a democracia é o pior dos regimes à exceção de todos os outros”. E numa altura em que há tantos movimentos populistas a ganharem adeptos, Carla é peremptória: “Em todas as iniciativas em que participo, falo sobre o perigo do populismo. Não é uma questão de escolha política, se olharmos para os nossos partidos da AR, são todos diferentes e felizmente nenhum tem matriz populista. O problema é o discurso articulado sem conteúdo.” Em Inglaterra, o UKIP incendiou ânimos pelo Brexit, mas depois do referendo, quando se analisou o conteúdo das promessas, eram só incongruências e dados falsos. “Nos Estados Unidos, muitas comunidades negras desfavorecidas foram impedidas de exercer o seu direito de voto. O problema dos populismos é que usa canais da democracia para a minar por dentro. Há dias vi um cartoon com duas ovelhas em que uma dizia, ‘olha, eu cá vou votar no lobo, pelo menos alguma coisa vai mudar’... sim, muda, mas se calhar não é no melhor interesse dela. (risos) A democracia é algo que temos de preservar ativamente. Sempre vivi em democracia e quero continuar a viver.” A

Maquilhagem: Madalena Martins

LISBON
TORÉL PALACE™
 EXCEPTIONAL
 A REVISTA ACTIVA AGRADECE
 AO **TORÉL PALACE** AS FACILIDADES CONCEDIDAS
 PARA A REALIZAÇÃO DESTA PRODUÇÃO.